

As velas ardem até ao fim



Já ninguém escreve como Sándor Márai. Digo frequentemente que quem não leu os clássicos só leu rascunhos e, *As velas ardem até ao fim*, seria um clássico nem que tivesse sido publicado ontem.

Já se usaram todos os superlativos para exaltar este pequeno esmagador romance, considerado um dos melhores, e por vezes o melhor, do século XX. Frequentemente qualificado como uma obra-prima sobre a amizade, trata-se efetivamente de uma deslumbrante e incomparável narrativa, com uma prosa inteligente, nostálgica e tranquilamente bela. Psicologicamente profunda, envolvente, lúcida e perspicaz, não se consegue abandonar a sua leitura, da primeira à última página, pois é simultaneamente sedutora e inquietante.

A ação decorre quase totalmente num castelo de caça, isolado, mas não imune ao processo de corrosão de um mundo em turbulenta mudança. Solitário como a árvore na clareira da sua floresta, desiludido, mas resiliente, um homem espera. Tudo envelhece consigo. Ao fim de quarenta e um anos alguém chega.

Primeiro o homem recebe o seu convidado, num jantar a dois, com a elegância aristocrática que herdou do berço. Falam os dois. Memórias, trivialidades passadas. Depois, durante cerca de noventa páginas e enquanto as velas ardem, só um fala. O outro escuta, mas o seu silêncio, cortado por raras palavras, é sempre uma forma de responder e cria no leitor/ouvinte uma avassaladora diversidade de interpelações. O monólogo é, por isso, uma interlocução, um diálogo que por vezes não se limita aos dois personagens, porque inclui o leitor, mantido em expectativa, quase a querer entrar no enredo, mas sem nunca saber como será o desenlace, até que a luz das velas esmoreça e se apague.

Não é possível falar deste livro sem usar muitos adjetivos, porque se trata de uma obra sobre a vida, e são eles que marcam a intensidade duma ação que, no entanto, decorre quase toda numa sala, de um antigo castelo, decadente e ermo.

Há sobretudo uma subtil e avassaladora diversidade de sentimentos: amizade, amor, inveja, sinceridade, desejo, cumplicidade, paixão, deslumbramento, confiança, frontalidade, vingança, traição, ilusão, solidão, tédio, esperança, simpatia, vaidade, camaradagem, companheirismo, altruísmo, fidelidade, culpa, cavalheirismo, maldade, carinho, segurança, ciúme, presunção, arrogância, altivez, afabilidade, orgulho, heroísmo, medo, loucura, compreensão, desespero, exaltação, ridículo, falsidade, revelação, vergonha, gratidão, felicidade, inquietação, infelicidade, crueldade, cordialidade, amabilidade, curiosidade,

tranquilidade, fatalidade, decepção, indiferença, intimidade, engano, egoísmo, incompreensão, ressentimento, piedade, ódio, cobardia, respeito, seriedade, cortesia, vileza, reverência profunda... enfim, os ingredientes que temperam as vidas.

Se a literatura é para emocionar, em *As velas ardem* até ao fim, sentimentos e emoções misturaram-se em doses q.b., à procura de uma receita para o sentido da vida e resultaram num livro que não podemos ler e não partilhar, porque gostaríamos de impregnar com ele as pessoas de quem gostamos. É impossível descrevê-lo como merece, mas lê-lo é uma experiência maravilhosa, pois trata-se, sem dúvida, de um monumento literário.

Francisco Lopes

(Bibliotecário)